

TECNOLOGIAS DIGITAIS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: EXPERIÊNCIAS EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Aroldo Silva Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Vilomar Sandes Sampaio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Luciana Amorim de Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: O objetivo desse artigo é discutir sobre as tecnologias digitais na educação, tendo como base as experiências no Ensino Remoto Emergencial (ERE), de professores da Educação Básica, de instituições públicas e privadas da cidade de Vitória da Conquista-BA. As experiências foram narradas pelos docentes no âmbito do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG), em reuniões que aconteceram entre os meses de setembro e dezembro, do ano de 2020, por meio do *Google Meet*. No último século as tecnologias vem contribuindo para o desenvolvimento da sociedade e influenciado no ensino de maneira gradativa, de forma que vem ganhando espaço nas aulas, a exemplo do uso de *datashow*, *aplicativos*, mas que no período da pandemia, agregou outras alternativas digitais, como as plataformas, próprias para o ensino, que ganharam espaço favorecendo ao processo de ensino e aprendizagem desenvolvido por meio remoto. No ERE se fez necessário o uso de aplicativos e plataformas, entre outras alternativas digitais, para que o ano letivo de 2020 prosseguisse, amenizando os danos na educação. Porém os relatos dos professores sinalizam que vários problemas educacionais brasileiros são antigos e foram potencializados pela configuração estabelecida na pandemia. Apesar dos muitos desafios enfrentados pelos professores em realizar o ERE, pode-se entender esse momento, como uma oportunidade de maior inserção das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Ensino remoto emergencial; Tecnologias digitais; Práticas pedagógicas

No final do século XX os computadores foram inseridos no processo de ensino e aprendizagem, trazendo um mundo de possibilidades, facilidades e desafios. Desde então, diversos estudos vem sendo realizados sobre o uso das tecnologias digitais na educação, principalmente com o objetivo de identificar as estratégias utilizadas e avaliar as consequências dessa utilização na prática cotidiana da escola. Atualmente, o aparato tecnológico tomou largas proporções, em virtude do processo de mundialização em redes de comunicação e da evolução das tecnologias, que têm provocado mudanças acentuadas na sociedade e impulsionando o surgimento de novos paradigmas, modelos e modos de comunicação que estão gerando cenários favoráveis a inovações no processo de ensino e aprendizagem (GARRISON; ANDERSON, 2005).

Após décadas de convívio com essa realidade, mesmo com acesso cada vez mais intenso

com as tecnologia, o ensino presencial mostrava-se indispensável, até que, no ano 2020, a humanidade foi surpreendida por uma pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV2, que impôs ao mundo o isolamento social físico e conseqüentemente a suspensão das diversas atividades, entre elas as aulas presenciais. Diante desse cenário, professores e estudantes foram obrigados a migrar para a realidade *online*, que se caracteriza como um espaço que impõem desafios para todos os envolvidos no processo.

No momento inicial, os professores se depararam com as incertezas da doença, o tempo de duração em conjunto com as necessidade de assumirem novos papéis, antes improváveis ao ofício da docência. Tornaram-se *youtubers*, tiveram que emergir num mundo digital, fazendo parte das suas atividade diárias, a função de gravar vídeoaulas e apropriaram-se dos sistemas de videoconferências, como *Meet*, *Skype*, o *Zoom* ou o *Google Hangout*, além das plataformas de aprendizagem, como o *Moodle*, o *Microsoft Teams* ou o *Google Classroom*.

O processo de ensino e aprendizagem ganhou novas formas e variedades, ao ponto de se questionar como tem acontecido a formação dos docentes e quais as competências e habilidades necessárias para lidar com os novos padrões de tecnologias. Exige-se novas posturas e reflexões sobre o significado dos processos formativos por meio de reconsiderações sobre os saberes necessários à docência, sobretudo para o enfrentamento de novas situações, uma vez que a realidade virtual está presente no processo ensino e aprendizagem e de forma efetiva, com perspectivas de continuar, mesmo com a volta às aulas presenciais.

Vale salientar que o uso de tecnologias representa obstáculos a todos, que possivelmente serão superados a médio e longo prazo, pois exige formação, acompanhamento técnico; equipamentos, oferta de internet, entre outros. Por outro lado, os docentes além de enfrentar muitos problemas relacionados a esse momento, ainda tem dificuldade de incorporar os assuntos de determinada matéria à essa nova realidade. O mundo digital está assumindo um papel central na sala de aula, fazendo com que o professor não seja mais o único mediador entre o conteúdo e o aluno, o que é desconfortante para muitos docentes acostumados com o controle e domínio de uma classe.

O professor ao usar as novas tecnologias para o ensino remoto emergencial deve encontrar a forma mais adequada, diante de suas possibilidades, para atingir os novos objetivos que tiveram de ser reelaborados diante desse momento novo: diversificar as aulas em função do tempo e espaço; verificar se o número de alunos está correspondendo ao ideal na suas necessidade de aprendizagem, se as condições de internet e equipamentos são adequados ao que pretende se fazer, sem exigir de si mesmo e dos alunos o impossível diante das condições postas. De acordo com Kanski,

As redes de comunicações trazem novas e diferenciadas possibilidades para que as pessoas possam se relacionar com o conhecimento e aprender. Já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação. (KENSKI, 2008, p. 43)

:

Para além das dificuldades supracitadas, a conjuntura do ERE impôs aos professores a tarefa de reorganizar abruptamente suas atividades para a realização das aulas *online*, enfrentando dificuldades de toda natureza, relacionadas à estrutura física e emocional, causando impactos nas relações pessoais, no cotidiano da família, na estruturação da residência, nos processos educacionais e no trabalho docente. Entre as questões mais discutidas para esse trabalho, estão a relação entre professor e aluno e os meios pedagógicos adotados por estes profissionais para realização de suas propostas de trabalho.

As tecnologias digitais tendem a camuflar as metodologias, posturas e didáticas assumidas em sala de aula, seja ela virtual ou presencial. O ensino considerado tradicional, ainda muito presente na educação brasileira, pode ter sido uma das principais causas das dificuldades encontradas para o desenvolvimento do ERE, pois o fato de usar variadas tecnologias digitais, não garante que a aula esteja sendo interessante e que o aluno esteja no centro do processo, sendo sujeito da construção do seu conhecimento, nem que o professor esteja assumindo o lugar de mediador. Tudo ainda é muito recente e pode ser efêmero, o que nos leva aos seguintes questionamentos: Estamos no caminho certo? O que o futuro nos garante?

Acredita-se que o ERE no Brasil se desenvolveu, em grande parte, numa perspectiva instrumental e emergencial como diz o próprio conceito, haja vista que as metodologias e práticas estavam, na maioria das vezes, voltadas para a realização de um ensino centrado na transmissão de conhecimento verificados *in loco*. Esse novo modelo de ensino tem causado um enorme desgaste físico e emocional, pois, além do medo da própria doença, exigiu dos professores um esforço demasiado na busca de maior interação com os alunos, que segundo esses docentes permaneciam “escondidos” por trás das câmeras, em sua maioria, desativadas.

Segundo Moreira (2012), é urgente migrar do ensino ERE, que foi importante na primeira fase, para uma educação digital em rede e de qualidade. É necessário criar modelos de aprendizagem virtuais que promovam ambientes de construção de aprendizagem colaborativa nas plataformas escolhidas. O grande desafio tem sido atrair e facilitar a aprendizagem e ao mesmo tempo garantir um ensino significativo; a falta de domínio técnico de ferramentas que leve ao manuseio de forma interativa, fazendo com que o ambiente seja agradável. O aluno deve também ser acompanhado em casa por um responsável até ser capaz de manusear os aplicativos de forma

segura e responsável, conduzindo-o a uma maior compreensão dos conteúdos apresentados pelo professor, que também deve ter nessas ferramentas um retorno para apresentação dos conteúdos sem prejuízo do que é ensino. Portanto, as ferramentas digitais devem facilitar a vida do professor e também do alunos para que haja uma produtividade por ambas as partes interessadas e envolvidas.

Narrativas de professores de Geografia sobre suas experiências no ERE

O ato de narrar é inerente à ação humana e, portanto, pode ser estudada dentro dos seus contextos sociais e educativos. Desta forma, atribuem grande valor ao contexto em que se conta a narrativa, às razões que levam o narrador a contá-la e ao tipo de audiência que se destina (REIS, 2008). Essa metodologia foi adotada na construção desse artigo, e foram realizadas em três reuniões sobre O Ensino Remoto na Educação Básica, promovidas pelo Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG-UESB), entre os meses de setembro a novembro de 2020, por meio do *Google Meet*. Ao longo do texto, os professores serão identificados por letras aleatórias, com o objetivo de preservar a identidade.

A primeira reunião foi realizada no dia 29 de setembro, com professores do Ensino Médio de duas instituições privadas. No dia 01 de outubro, ocorreu o segundo encontro com a participação de duas professoras dos anos finais do Ensino Fundamental de escolas distintas, também particulares e no dia 19 de novembro, as narrativas foram realizadas por professores de instituições públicas, sendo um docente pertencente à Rede Municipal de Vitória da Conquista, que leciona no Ensino Fundamental II, outro da Rede Estadual do Ensino Médio e um último convidado, foi um docente no Instituto Federal, que trabalha na modalidade de Ensino Integrado. Durante as reuniões foi adotada uma metodologia para o desenvolvimento dos diálogos, de forma que os professores tiveram 15 minutos para fazer as narrativas, motivados pelo eixo: Experiências no ensino remoto em tempos de pandemia. Após a fala de cada professor os membros do GRUPEG, tinha a oportunidade de se inscreverem para fazerem perguntas e tirar dúvidas. Foi estabelecido blocos de três questionamentos, que então eram respondidas pelos professores. Foram montados cinco blocos de perguntas, finalizando as reuniões por volta das 17 horas.

Nas escolas particulares, as disciplinas passaram a ser ministradas remotamente em março de 2020, mês que iniciou o isolamento social e as atividades das escolas foram suspensas. Essas instituições passaram a realizar os encontros síncronos em ambientes virtuais, através de *software Moodle* e *G Suite*, que integra ferramentas como o *Google Classroom* e *Google Meet*, espaços em que ocorre o registro de todas as atividades

planejadas em cada disciplina e, realizadas, de forma síncrona ou assíncrona, de acordo com o plano de ensino.

Apesar da disponibilidade de recursos para a manutenção das atividades remotas, as narrativas dos professores sinalizam as seguintes dificuldades referentes a elaboração de atividades nas plataformas, por falta de conhecimento, pois não ocorreu capacitação nas instituições que trabalham. “Tive que aprender tudo sozinha! (PROFESSORA F, 2020)”; Qualidade da internet; Comportamentos dos alunos; Solicitação excessiva dos pais por meio de *WhatsApp* e outros canais de comunicação: “Não tem hora, nem dia, pra chegar mensagem! (PROFESSORA F, 2020).

Entendo que estamos todos perdidos, aflitos, preocupados. Estamos sem norte, com essa doença, porém, há questões que precisamos ter bom senso. Qualquer pessoa, pode avaliar que meia noite, uma hora da manhã, não é um momento adequado para procurar professor para tirar dúvidas. Eu e meus colegas estamos vivendo isso. A escola deveria organizar o atendimento aos pais. Tudo ser feito via coordenação, pois professor precisa ser preservado dessas demandas, para poder fazer o processo de ensino e aprendizagem acontecer de fato. Tudo muito novo. Não há como atender à todas as demandas (PROFESSORA F, 2020).

Diante desse depoimento, pode se perceber a angústia e preocupação dos profissionais da educação frente a esse momento que atinge a todos e a cada um de forma particular. O professor, que lida com crianças e jovens tem um desafio maior nesse processo, tem que lidar com as incertezas sobre a doença, com a formação de uma geração, a pressão dos pais que não respeita dia e hora para fazer suas exigências, a necessidade de estudar e comprar equipamentos novos, entre tantos outros desafios frente a esse cenário.

O comportamento dos alunos foi outra dificuldade apresentada por todos os professores. Segundo a professor G os alunos dos 6º e 7º anos demonstraram maior tranquilidade durante as aulas, se mantiveram mais atentos e participativos, isso porque os pais dessa faixa etária, são mais presentes com os filhos e costumam acompanhá-los de maneira mais intensa. Em contrapartida, o comportamento foi inverso nos dos 8º e 9º anos, que demonstraram maior nível de dispersão, envolvendo em conflitos, resistindo em acionar as câmaras, sendo comum a alegação de queda na conexão da internet, além de realizarem as atividades com qualidade insatisfatória e com atrasos.

A professora C afirmou que os alunos mais novos, das turmas de 6º e 7º anos, se envolveram muito com os jogos, a exemplo do *Kahoot*. Com relação aos 8º e 9º anos, a professora destaca a dificuldade para estabelecer debates, que antes eram frequentes no ensino presencial e afirma: “Não há jeito de fazer eles falarem. A gente motiva, questiona, puxa a linha de raciocínio, mas acaba se perdendo” (professora C, 2020). Sobre as discussões, o professor G, destacou o seu



cuidado em tratar sobre assuntos polêmicos como política, pois ocorreu em uma das suas aulas, a interferência de um pai que pensava de forma diferente e não se conteve, gerando uma situação desconfortável para todos, sobretudo para o professor. Esse mesmo professor falou ainda sobre a falta de privacidade causada pelas aulas remotas, que vem sendo sentida por toda sua família, uma vez que o trabalho em casa, requer mudanças na rotina da família e seu filho pequeno vem reclamando, pois não pode entrar nasala em muitos momentos do dia: “Ele é pequeno e não entende!” (PROFESSOR G,2020). Ou seja, o espaço da casa que tem se tornado o limite territorial da criança, fica mais limitado ainda nos momentos de trabalho dos pais professores, pois a sala de estar, quartos, entre outros espaços das residências se tornaram sala de aula.

O professor J se mostrou bastante satisfeito com a nova dinâmica de trabalho e relatou que no início de cada aula, faz um momento de descontração, para promover uma atmosfera agradável e estabelecer maior interação e mais confiança. Enquanto que professor R salientou sobre o incômodo que sente em falar para as “bolinhas”, pois a maioria dos alunos não acionam as câmaras. “É horrível você falar e se sentir sozinho. Não há interação, eu nunca sei se o aluno está entendendo ou não” (professor F). A fala de um dos os professores da Rede Estadual e Municipal, foi acerca das dificuldades encontradas pelos alunos para participarem das aulas, muitos por falta de equipamentos ou conexão com internet.

A professora I, que trabalha na Rede Municipal, destacou em sua fala o excesso de trabalho, pois com a dificuldade de acesso dos alunos, muitos contatos estavam sendo feitos por meio do *WhatsApp* o que acaba tomando muito tempo, devido a demanda individual que acaba surgindo. Segundo a mesma professora, o *Telegram*, *Facebook* e *Instagram*, também foram utilizados para facilitar os contatos e diálogos. Vídeos e documentos em PDF foram disponibilizados para os alunos, alguns materiais chegaram a ser impressos e disponibilizados nas escolas, para as famílias buscarem. A pandemia, segundo a professora A, trouxe à tona a verdade, pois: “Nesse processo ficou evidente o nível de exclusão existente, sobretudo nas escolas públicas (PROFESSOR A, 2020). Sobre as dificuldades dos alunos a professora A (2020), acrescenta:

Tenho alunos que espera o tio chegar do trabalho para pegar o celular emprestado e fazer a atividade da disciplina. Me corta o coração. E pra esse aluno eu não posso limitar o meu tempo de dedicação ao trabalho. Eu Não posso, simplesmente, atendê-los no meu horário de aula. Não é somente um nessa situação. São muitos. O pior ainda e que eles fazem a atividade, me manda por meio de foto no *WhatsApp*, mas as fotos vêm com a qualidade tão baixa que eu não consigo entender o que ele escreveu (PROFESSORA A, 2020).

A maioria dos professores narradores sinalizaram compromisso com a educação e práticas

construtoras de conhecimento, que prezam pela participação ativa dos estudantes, porém esses professores admitem a dificuldade em manter essa postura nas aulas remotas, pois falta preparo para lidar com as tecnologias: “A tecnologia que eu usava nas aulas era colocar o *datashow*” (PROFESSORA A, 2020). Embora a tecnologia esteja presente praticamente em todas as atividades humanas, o uso adequado das ferramentas tecnológicas ainda está muito longe de ser alcançado.

De acordo com os relatos, há pouca apropriação dos recursos mais sofisticados. O *datashow* é um dos equipamentos mais utilizados, porém exerce uma função de simplesmente projetar lâminas estáticas, pois em nenhuma das falas dos professores, foi possível perceber o uso de outras possibilidades contidas nesse equipamento como inserção de *links* de vídeos, animação, entre outros recursos.

Segundo a professora A, a falta de domínio com os recursos tecnológicos não é somente por parte do professor, mas também observada nos alunos, pois embora esses tenham mais facilidade em se apropriar do manejo dos equipamentos, demonstram dominar muito mais as ferramentas das redes sociais, jogos e sites voltados para o entretenimento. A professora A (2020) exemplifica dizendo:

Eu tenho alunos que não sabem trabalhar um documento *word*. Você solicita uma produção de texto, vem toda desconfigurada, não tem parágrafos, a pontuação é inexistente. Há momentos que tenho vontade de sentar com o aluno e refazer, passo a passo, pois é lamentável, mas infelizmente nesse sistema remoto é impossível. Nós damos graças a Deus quando tem aluno na aula (PROFESSORA A, 2020).

A frequência é uma outra dificuldade abordada pelos professores da rede pública, sobretudo ao que se refere ao Ensino Fundamental das escolas municipais, pois além de trabalharem em escola localizadas em comunidades carentes, em que os alunos têm pouco recursos e, conseqüentemente, poucos ou nenhum equipamento, há uma fragilidade no acompanhamento por parte dos pais, sem contar o despreparos da maioria dos responsáveis, que em vários casos, somente sabem assinar o nome, sem condições de orientar os estudantes em suas atividades, como relata a professora R (2020).

Me deparo com mães muito preocupadas e querendo ajudar os filhos, mas elas não conseguem nem compreender os horários das aulas. São tantas mensagens no celular que eu não consigo compreender. Se elas não gravam áudio, muitas vezes eu fico impossibilitada de responder, pois os erros ortográficos tornam as mensagens impossíveis de serem lidas. Isso mostra o nível do problema da educação em nosso país. Não somente agora na pandemia, mas algo que vem de longa data, pois muitos pais estão na casa dos 40 anos. Eu realmente fico triste

com essa realidade. Faço o que posso para tentar reverter esse quadro, porém sei que é muito pouco, é como uma gota de água no oceano. Continuarei fazendo mesmo assim. (PROFESSORA R, 2020)

O processo de construção do conhecimento vem sendo comprometido no cenário exposto pelos professores em suas narrativas, uma vez que a falta de formação para lidar com essa realidade, imposta subitamente pelo isolamento social físico, despreparo no uso das ferramentas tecnológicas, falta de equipamentos e de internet, entre outros aspectos, causam no docente limitações para atender aos requisitos essenciais do processo de ensino. Segundo Libâneo (1994), para que ocorra a aprendizagem é preciso um processo de assimilação ativa, construído por meio de atividades práticas em várias modalidades e exercícios, nos quais se pode verificar a consolidação e aplicação prática de conhecimentos e habilidades. Nesse processo, o professor põe em prática o tripé: objetivo, conteúdo e método. “É uma relação recíproca na qual se destacam o papel dirigente do professor e a atividade dos alunos” (LIBÂNEO, 1994, p. 90).

Os desafios existentes na docência foram intensificados pela adesão ao ensino remoto, que se caracteriza como uma tendência, pois os estudiosos sinalizam que o ensino híbrido deve ser assumido de forma intensa por todos os seguimentos da educação. Nesse sentido, compreender a escola como lugar de formação docente significa considerá-la como espaço de práticas, análises e de reflexões (NÓVOA, 2009). Nessa mesma direção, Cunha (1995) esclarece que a experiência vivida pelos professores é importante para a formação do seu significado educativo.

Desse modo, é necessário considerar o que pensa o professor, suas concepções de Educação, como ele entende o processo ensino e aprendizagem, de que maneira recorre as metodologias de ensino e aos recursos didáticos. Todas estas questões caracterizam o fazer pedagógico docente, que envolve tanto a relação do professor com a sua disciplina, como a sua relação com o aluno. Nesse sentido, os professores narradores, participantes desse trabalho, se deparam com um desafio ainda maior, haja vista, ministram a disciplina de Geografia, área do conhecimento que tem como objeto de estudo o espaço geográfico, o qual se mantém em constante transformações, de forma que se torna atributo do seu trabalho as práticas reflexivas sobre a realidade e a construção da consciência crítica dos alunos. Pois segundo Callai (2001):

[...] o papel das disciplinas escolares, e o da Geografia particularmente, tem a ver com o método, quer dizer, de que forma se irá abordar a realidade. E daí, insisto, a clareza do objeto da Geografia é fundamental, pois nos dá os instrumentos (o conteúdo, as informações geográficas) para chegar onde pretendem. Porém, o encaminhamento é mais complexo e vai desde o conteúdo em si até a relação pedagógica que se estabelece entre este conteúdo, o professor e o aluno (CALLAI, 2001, p. 137)

Atualmente, a Geografia é uma disciplina que estuda diversos temas e leva os cidadãos a

ter consciência crítica da espacialidade das coisas, dos fenômenos (CAVALCANTI, 2010). E ainda:

A Geografia escolar tem procurado pensar o seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos reafirmando outros, reatualizando alguns outros, questionando métodos convencionais, postulando novos métodos (CAVALCANTI, 2010,p. 11).

A importância do ensino de Geografia, não está somente nos conhecimentos sobre os nomes de países, suas capitais, dados populacionais, moeda, religião etc., mas também em explicar a dinâmica das ações no espaço, as dinâmicas de transformação dos espaços nas cidades, as distribuições dos movimentos sociais, as questões agrárias entre tantos outros aspectos (PENA, 2017).

A Geografia é uma disciplina que trabalha com categorias que fazem parte da vida cotidiana do ser humano, tais como: região, paisagem, lugar, território, cultura, trabalho, meio ambiente. Essas categorias são instrumentos básicos para a leitura do mundo no ponto de vista geográfico. Cavalcanti enfatiza que:

Se a tarefa do ensino é tornar os conteúdos veiculados objetos de conhecimento para o aluno e se a construção do conhecimento pressupõe curiosidade pelo saber, esse é um obstáculo que precisa efetivamente ser superado. Para despertar o interesse cognitivo dos alunos, o professor deve atuar na mediação didática, o que implica investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla. Nesse sentido, o papel diretivo do professor na condução do ensino está relacionado às suas decisões sobre o que ensinar, o que é prioritário ensinar em Geografia, sobre as bases fundamentais do conhecimento geográfico a ser aprendido pelas crianças e jovens, reconhecendo esses alunos como sujeitos, que têm uma história e uma cognição a serem consideradas. (CAVALCANTI, 2010, p. 3)

O ensino de Geografia deve permitir aos alunos, pensarem no mundo vivido, não a partir de conceitos fechados, mas na diversidade e na realidade em que se vive. Através da Geografia é possível perceber as diferentes maneiras que vivem os alunos em seus lugares de origem, as transformações que realizam nesse espaço dando sentido ao processo de ensino e aprendizagem e tentando modificar a realidade vivida. Diante disso, e do caráter prático do ensino de Geografia, como fica seu ensino diante dessa nova realidade? Haja vista que o aluno não percebe mais o espaço em que vive em sua totalidade.

Ao considerar as muitas e intensas mudanças na sociedade nesse período, pode-se verificar que os professores dessa área do conhecimento, precisam, além de superar os desafios referentes

ao ensino remoto, devem ainda atender às exigências peculiares ao ensino de Geografia, assumindo práticas pedagógicas que permitam colocar aos alunos as diferentes situações de vivência com os lugares, de modo que possam construir compreensões novas a respeito e desenvolverem a capacidade de identificar e refletir sobre diferentes aspectos da realidade, compreendendo as relações estabelecidas no espaço geográfico.

Considerações finais

O ERE ainda desperta inquietações, inseguraças e desafios em relação ao uso integrado das tecnologias digitais na Educação Básica, sua importância para a personalização do ensino e o que versa sobre o processo de formação está posto e não há o que fazer no momento que atenda uma educação idealizada, em que todos devem se envolver e se comprometer; pais, alunos professores, sociedade. Os professores até o momento tem sido os mais penalizados e ficando com uma carga de pressão e trabalho sobrehumanos.

Os resquícios de práticas docentes tradicionais permearam as narrativas, embora os professores tenham tentado camuflá-las. Habitados a realizarem aula expositiva com auxílio de quadro ou no máximo projetor de *slides*, os docentes se encontram diante do desafio de desenvolver suas aulas utilizando outros recursos, outras linguagens e um tempo compactado. Nesse sentido, Pessoa (2020) afirma que, fomos jogados numa realidade inesperada, embora a humanidade venha se deparando com transformações tecnológicas que impõe a todos nós, homens e mulheres, a tarefa de estarmos acompanhando essas mudanças, sob a pena de ficarmos ultrapassados no tempo e nos enquadrarmos no perfil de “analfabetos digitais”.

Além do exercício de aprender a lidar com os equipamentos e com as ferramentas disponíveis nas plataformas, os docentes precisam ainda, apropriar-se do novo cotidiano estabelecido no espaço de interação entre professor e aluno, na construção do conhecimento, não deixando de lado sua condição física e psicológica.

As novas formas de ensinar e de colocar em movimento diferentes o processo de ensino e aprendizagem, com a mediação tecnológica, a maneira peculiar ao espaço *online* de administração do tempo, exige do professor a transformação de uma nova mentalidade, que requer um olhar de reconhecimento do preparo, da formação em que se tem no momento e o ponto que se precisa chegar para seguir realizando um trabalho eficaz na educação. Mas também cabe a participação da sociedade como um todo, afinal existe uma geração que está sendo formada, e o futuro desta é de responsabilidade de todos.



Referências

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Revista Terra Livre**. N° 16. São Paulo, 1° semestre de 2001. p. 133-152. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/353/335>. Acesso em: 12 dez. 2020.

CAVALCANTI, de Souza, Lana. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais Eletrônicos do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>. Acesso em 26 mar. 2021

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 5.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **O processo de ensino na escola**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 77-118

GARRISON, D.; ANDERSON, T. **El e-learning en el siglo XXI**. Investigación e práctica. Barcelona: Octaedro, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papyrus, 2003.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de Educación**, 350. Set-Dez 2009, p. 203-218. Disponível em: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por. Acesso em 27 mar. 2021.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Importância da Geografia**; Brasil Escola. 2017. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/importancia-geografia.htm>. Acesso em 27 mar. 2021.

PESSOA, Romualdo. ASCOM ADUFG-SINDICATO-NOTÍCIAS. (2020); Os desafios dos docentes em tempos de pandemia e de novas tecnologias de ensino. Disponível em: <https://www.adufg.org.br/noticias/2-noticias/8696-artigo-osdesafios-dos-docentes-em-tempos-de-pandemia-e-de-novas-tecnologias-de-ensino>, Acessado em jan, 2021.

Sobre os autores:

Aroldo Silva Santos

Especialização em Ensino de Geografia e Meio Ambiente – FAVENI no programa de pós-graduação Setor Pedagógico (Espírito Santo-Brasil); licenciado em Geografia (UESB – Brasil); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Brasil (Téc administrativo / REDA); membro Líder do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG); don174@gmail.com

Vilomar Sandes Sampaio

Doutor em Geografia (UFS-Brasil); Professor Adjunta do Departamento de Geografia Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB- Brasil); Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGeo); Membro do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG) vilomar@uesb.edu.br

Luciana Amorim de Oliveira



Mestre em Educação (UESB-Brasil); Professora Substituta do Departamento de Geografia Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB-Brasil); Egressa do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE); Líder do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG) e membro do Núcleo de Análise em Memória Social e espaço (NUAMSE)
oamorim.luciana@gmail.com